REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

PREFERÊNCIA POR CORES DOS ALIMENTOS E SUAS IMPLICAÇÕES NUTRICIONAIS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

FOOD COLOR PREFERENCE AND ITS NUTRITIONAL IMPLICATIONS IN CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

Ciências da Saúde • 13/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794524327

Laísa Carolaine Neves[1]

Fernanda Nascimento Hermes[2]

Douglas Roberto Guimarães Silva[3]

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode estar associado a particularidades sensoriais e comportamentais que influenciam a alimentação infantil, incluindo a preferência por determinadas cores dos alimentos. Este estudo teve como objetivo analisar a influência da preferência por cores no comportamento alimentar e suas possíveis implicações no estado nutricional de crianças com TEA. Tratou-se de uma revisão de literatura, realizada nas bases PubMed, SciELO e Google Acadêmico, considerando publicações de 2021 a 2026 relacionadas à seletividade alimentar, ao processamento sensorial, às preferências visuais e ao estado nutricional. Foram incluídos 16 estudos, sendo 12 originais e 4 revisões. Os estudos analisados indicaram que a cor pode constituir um critério relevante para a aceitação alimentar, especialmente quando associada à familiaridade, à previsibilidade e à resistência a mudanças nas características dos alimentos. A preferência intensa por determinadas tonalidades pode contribuir para a restrição do repertório alimentar e a redução da variedade da dieta, favorecendo possíveis inadequações na ingestão de nutrientes. Entretanto, as evidências disponíveis mostraram-se insuficientes para estabelecer uma relação causal direta entre a preferência por cores específicas e alterações no estado nutricional. Concluiu-se que as preferências visuais devem ser consideradas na avaliação nutricional individualizada de crianças com TEA, visando à ampliação gradual da variedade alimentar e à promoção de uma alimentação nutricionalmente adequada.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Preferências Alimentares; Percepção de Cores; Comportamento Alimentar; Estado Nutricional.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) may be associated with sensory and behavioral particularities that influence children's eating, including a preference for certain food colors. This study aimed to analyze the influence of color preference on eating behavior and its possible implications for the nutritional status of children with ASD. This was a literature review conducted in the PubMed, SciELO and Google Scholar databases, considering publications from 2021 to 2026 related to food selectivity, sensory processing, visual preferences and nutritional status. Sixteen studies were included, comprising 12 original studies and four reviews. The analyzed studies indicated that color may constitute a relevant criterion for food acceptance, especially when associated with familiarity, predictability and resistance to changes in food characteristics. An intense preference for certain hues may contribute to the restriction of the food repertoire and reduced dietary variety, favoring possible inadequacies in nutrient intake. However, the available evidence proved insufficient to establish a direct causal relationship between the preference for specific colors and changes in nutritional status. It was concluded that visual preferences should be considered in the individualized nutritional assessment of children with ASD, aiming at the gradual expansion of dietary variety and the promotion of nutritionally adequate eating.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Food Preferences; Color Perception; Feeding Behavior; Nutritional Status.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento cujos sintomas estão presentes desde o início do período do desenvolvimento, caracterizado por déficits

persistentes na comunicação e na interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (American Psychiatric Association – APA, 2023). Por apresentar manifestações heterogêneas, o TEA envolve diferentes níveis de necessidade de suporte, que podem influenciar diversos aspectos da vida cotidiana, incluindo a alimentação. Entre os critérios diagnósticos, incluem-se a insistência na mesmice, exemplificada pela necessidade de ingerir os mesmos alimentos diariamente, e a hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais (APA, 2023). Nesse contexto, alterações no processamento sensorial podem contribuir para dificuldades na aceitação de novos alimentos e para a ocorrência de comportamentos alimentares seletivos.

No âmbito da nutrição, a seletividade alimentar em crianças com TEA tem despertado interesse científico devido às possíveis repercussões sobre a qualidade da alimentação e o estado nutricional. Esse comportamento pode envolver a recusa alimentar, a aceitação de um repertório restrito de alimentos e a preferência por determinadas características sensoriais, como textura, odor, sabor, temperatura e aparência. Byrska *et al.* (2023) investigaram diferentes manifestações da seletividade alimentar em crianças com TEA, enquanto Soares *et al.* (2024), em estudo realizado com crianças brasileiras, identificaram associações entre comportamentos alimentares seletivos, consumo alimentar e excesso de peso.

Entre as características sensoriais que podem influenciar a aceitação dos alimentos, destaca-se a cor, um dos primeiros atributos percebidos visualmente durante o contato com a alimentação. A aparência dos alimentos pode interferir na disposição da criança para experimentá-los, favorecendo sua aceitação ou rejeição. Nesse

sentido, Mora *et al.* (2025), ao investigarem a seletividade alimentar e o perfil sensorial de crianças chilenas, identificaram que a cor foi relatada como um fator relacionado à seletividade em 53,1% das crianças com TEA, em comparação com 12% das crianças sem o transtorno. Esses achados reforçam a importância de investigar a participação dos estímulos visuais no comportamento alimentar, considerando que a cor representa apenas um dos diversos fatores envolvidos na seletividade.

Diante disso, o presente estudo delimita sua investigação à influência da preferência por cores dos alimentos no comportamento alimentar e no estado nutricional de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Assim, busca responder à seguinte questão norteadora: de que forma a preferência por determinadas cores dos alimentos influencia o comportamento alimentar e pode contribuir para alterações no estado nutricional de crianças com TEA?

Parte-se da hipótese de que particularidades no processamento sensorial, especialmente relacionadas aos estímulos visuais, podem favorecer a aceitação de alimentos de determinadas cores e a rejeição de outros, contribuindo para a restrição da variedade alimentar. Dependendo dos alimentos aceitos e da composição da dieta, essa limitação pode estar associada a inadequações na ingestão de macro e micronutrientes e a possíveis repercussões sobre o estado nutricional. Entretanto, a relação entre a preferência por cores e essas alterações deve ser analisada considerando a influência conjunta de outros fatores sensoriais, comportamentais e alimentares.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a influência da preferência por cores dos alimentos no comportamento alimentar e no estado nutricional de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Como objetivos específicos, pretende-se identificar como as alterações sensoriais influenciam a percepção visual dos alimentos; investigar a relação entre a cor e a aceitação alimentar; analisar os padrões de consumo associados à preferência por determinadas cores; avaliar possíveis impactos dessa seletividade no estado nutricional; e discutir estratégias nutricionais que contribuam para a ampliação do repertório alimentar.

A relevância desta pesquisa está na necessidade de compreender os fatores que influenciam as escolhas alimentares de crianças com TEA, especialmente aqueles relacionados às características visuais dos alimentos. Embora a seletividade alimentar seja amplamente investigada, compreender a contribuição específica das cores pode auxiliar na identificação de barreiras à aceitação alimentar e fornecer subsídios para estratégias nutricionais individualizadas, respeitando as particularidades sensoriais e comportamentais de cada criança.

Para alcançar os objetivos propostos, o estudo foi delineado como uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, voltada à análise de publicações científicas sobre processamento sensorial, seletividade alimentar, preferência por cores dos alimentos e possíveis repercussões nutricionais em crianças com TEA. A investigação busca reunir e discutir as evidências disponíveis, considerando as contribuições e limitações dos estudos encontrados.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Desenho do Estudo

O presente estudo caracterizou-se como uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo e abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar a influência da preferência por cores dos alimentos no comportamento alimentar e no estado nutricional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A pesquisa bibliográfica consiste em uma modalidade de investigação fundamentada na análise de materiais previamente publicados, permitindo reunir, organizar e interpretar conhecimentos científicos sobre determinado tema (Sousa; Oliveira; Alves, 2021). O caráter descritivo relaciona-se à identificação e à análise dos fatores associados à preferência por cores dos alimentos e às suas possíveis repercussões nutricionais.

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a interpretação e a comparação das informações presentes na literatura científica, considerando as particularidades dos fenômenos investigados. Conforme Minayo (2021), a pesquisa qualitativa apresenta natureza compreensiva, relacional e reflexiva, contribuindo para uma análise aprofundada das questões estudadas.

2.2. Estratégias de Busca

A estratégia de busca bibliográfica foi estruturada a partir de descritores e palavras-chave relacionados ao Transtorno do Espectro Autista; à seletividade alimentar; ao processamento sensorial e às características visuais dos alimentos.

Foram definidas como fontes de pesquisa as bases de dados PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO), além do

Google Acadêmico como ferramenta complementar de busca. O recorte temporal estabelecido compreendeu publicações entre os anos de 2021 e 2026, nos idiomas português e inglês.

O termo principal utilizado na elaboração da estratégia foi “Transtorno do Espectro Autista”, associado aos termos “seletividade alimentar”, “comportamento alimentar”, “processamento sensorial”, “cor dos alimentos”, “preferência alimentar” e “estado nutricional”, bem como aos seus correspondentes em inglês, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Termos definidos para a busca bibliográfica

Grupo	**Termos em português**	**Termos em inglês**
Principal	Transtorno do Espectro Autista	Autism Spectrum Disorder
Associado	Seletividade alimentar	Food selectivity
Associado	Comportamento alimentar	Eating behavior
Associado	Processamento sensorial	Sensory processing
Associado	Cor dos alimentos	Food color / Food colour
Associado	Preferência alimentar	Food preference
Associado	Estado nutricional	Nutritional status

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Para a combinação dos termos, foram definidos os operadores booleanos AND e OR, permitindo relacionar os diferentes conceitos investigados e ampliar a identificação de publicações pertinentes ao tema. As combinações foram adaptadas às características de cada plataforma de pesquisa. As buscas foram realizadas entre setembro

e outubro de 2026. No Google Acadêmico, em razão do elevado número de resultados, foram analisadas apenas as duas primeiras páginas de cada busca, ordenadas por relevância. As estratégias de busca utilizadas em cada base estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2. Estratégias de busca utilizadas em cada base de dados

Base de dados	**Estratégias de busca**	**Filtros aplicados**
PubMed	"autism spectrum disorder" AND "food selectivity" "autism spectrum disorder" AND "eating behavior" "autism spectrum disorder" AND "sensory processing" "autism spectrum disorder" AND ("food color" OR "food colour") "autism spectrum disorder" AND "food preference" "autism spectrum disorder" AND "nutritional status"	2021–2026; inglês e português
Google Acadêmico	"autism spectrum disorder" AND "food selectivity" "autism spectrum disorder" AND "eating behavior" "autism spectrum disorder" AND "sensory processing" "autism spectrum disorder" AND ("food color" OR "food colour")	2021–2026; inglês e português; duas primeiras páginas de cada busca, ordenadas por relevância

	"autism spectrum disorder" AND "food preference" "autism spectrum disorder" AND "nutritional status"	
SciELO	"transtorno do espectro autista" AND "seletividade alimentar" "transtorno do espectro autista" AND "comportamento alimentar" "transtorno do espectro autista" AND "processamento sensorial" "transtorno do espectro autista" AND "cor dos alimentos" "transtorno do espectro autista" AND "preferência alimentar" "transtorno do espectro autista" AND "estado nutricional"	2021–2026; inglês e português

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

2.3. Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram estabelecidos como critérios de inclusão artigos científicos publicados entre 2021 e 2026, nos idiomas português ou inglês, que apresentassem relação com a seletividade alimentar, o processamento sensorial, a preferência por cores dos alimentos, o comportamento alimentar ou o estado nutricional de crianças com TEA.

Foram priorizados estudos que investigassem especificamente a influência das características visuais dos alimentos, especialmente a cor, sobre a aceitação ou a recusa alimentar. Também foram incluídos estudos sobre seletividade alimentar e suas repercussões nutricionais, mesmo quando não avaliavam isoladamente a preferência por cores, desde que contribuíssem para a compreensão do problema investigado.

Foram excluídas publicações duplicadas, estudos sem relação com os objetivos da pesquisa, trabalhos cujo foco não contemplava a população infantil com TEA e materiais que não forneciam informações pertinentes à questão norteadora.

2.4. Seleção dos Estudos

O processo de seleção dos estudos foi realizado em etapas. Inicialmente, as publicações identificadas foram examinadas por meio da leitura dos títulos; em seguida, os estudos potencialmente relevantes tiveram seus resumos avaliados, com o objetivo de verificar a relação com o tema e com os critérios de elegibilidade estabelecidos.

Posteriormente, os estudos selecionados foram submetidos à leitura integral, considerando seus objetivos, características metodológicas, população investigada, principais resultados e conclusões.

A seleção final contemplou as publicações que apresentaram informações pertinentes à influência das características visuais dos alimentos sobre a aceitação alimentar e à relação entre seletividade alimentar e estado nutricional de crianças com TEA.

2.5. Organização e Análise dos Dados

As informações extraídas dos artigos selecionados foram organizadas em um quadro descritivo (Quadro 3), contendo a identificação dos autores, o ano de publicação, o aspecto investigado e os principais resultados relacionados à temática.

Para facilitar a interpretação dos achados, a análise foi estruturada em categorias temáticas: preferência por cores dos alimentos e seletividade alimentar; processamento sensorial e variedade alimentar; seletividade alimentar e estado nutricional; e resultados das revisões de literatura.

Os resultados foram analisados de maneira descritiva e qualitativa, por meio da comparação entre os estudos, buscando identificar semelhanças, divergências e limitações das evidências disponíveis.

Foi considerada, ainda, a distinção entre estudos que investigaram diretamente a preferência por cores dos alimentos e aqueles que abordaram outros componentes da seletividade alimentar. Essa diferenciação permitiu discutir as possíveis repercussões nutricionais sem atribuí-las exclusivamente à cor dos alimentos, considerando a participação de fatores sensoriais, comportamentais e ambientais.

3. RESULTADOS

Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 16 publicações foram incluídas nesta revisão, sendo doze estudos originais e quatro artigos de revisão. Os estudos abordaram diferentes aspectos do comportamento alimentar, incluindo aceitação de alimentos, características sensoriais, diversidade da dieta e indicadores nutricionais. Desses, apenas três avaliaram diretamente a preferência por cores dos alimentos: Mora *et al.* (2025) e Ahumada *et*

al. (2022), de forma quantitativa, e Huxham, Marais e Van Niekerk (2021), de forma qualitativa. Byrska *et al.* (2023) incluíram a cor entre outras características sensoriais investigadas, enquanto os demais estudos abordaram a seletividade alimentar de maneira mais ampla.

3.1. Identificação e Seleção dos Estudos

A busca resultou na identificação inicial de 3.098 registros, sendo 1.336 na PubMed, 1.750 no Google Acadêmico e 12 na SciELO, conforme apresentado na Tabela 1. Foram removidos três registros duplicados e, no Google Acadêmico, foram analisadas apenas as duas primeiras páginas de cada busca, totalizando 1.465 registros triados pela leitura do título. Desses, 32 foram selecionados, dos quais cinco foram posteriormente excluídos por não abordarem o tema. Os 27 restantes tiveram seus resumos avaliados, sendo excluídos 11 por não atenderem aos critérios de elegibilidade. Os 16 estudos remanescentes foram lidos na íntegra e todos foram incluídos nesta revisão, conforme ilustrado na Figura 1.

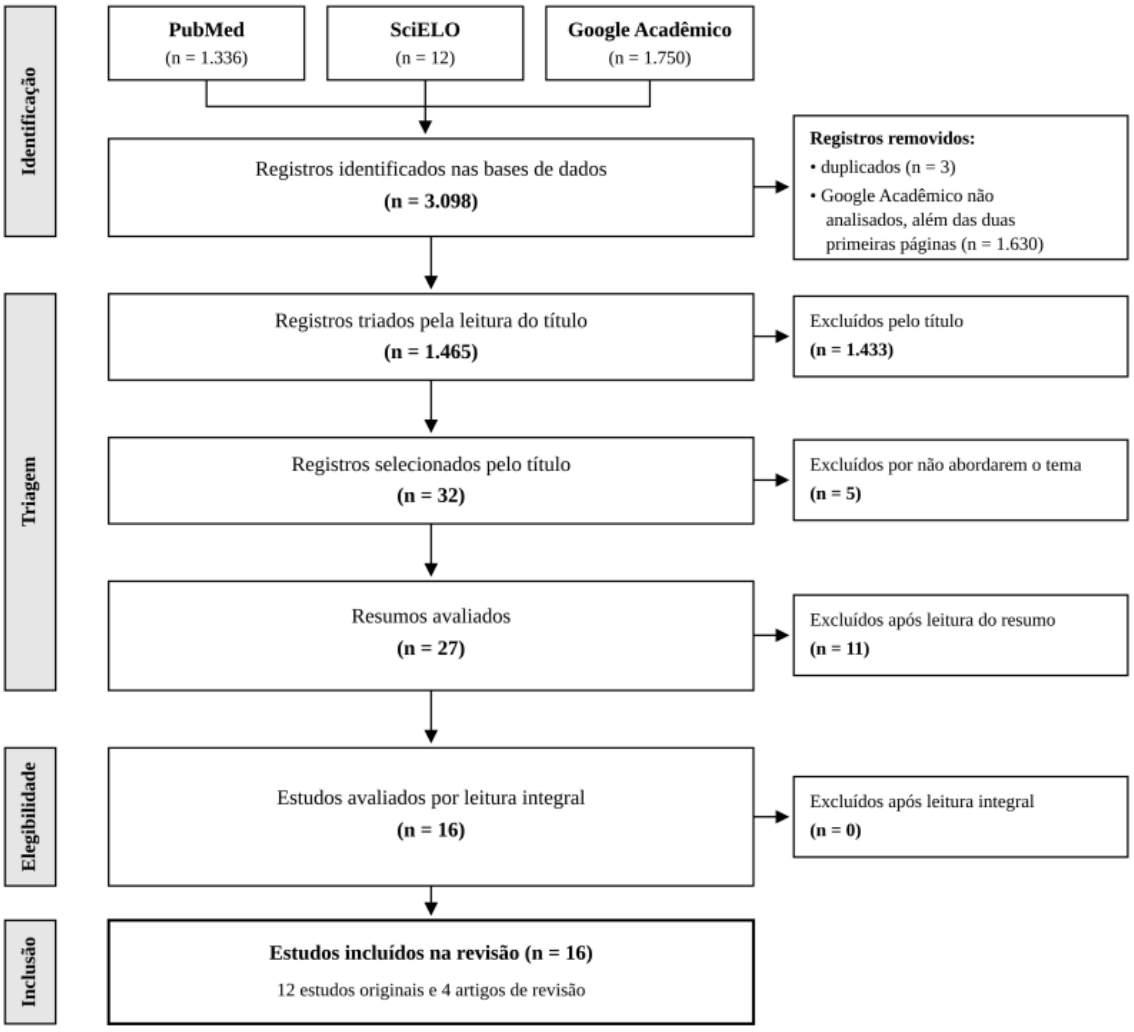
Tabela 1. Número de registros identificados por base de dados a partir da combinação do termo principal “Transtorno do Espectro Autista” com os termos associados, utilizando os operadores booleanos AND e OR

Base de dados	**Registros identificados**
PubMed	1.336
Google Acadêmico[1]	1.750
SciELO	12
Total	**3.098**

Fonte: Elaborada pela autora (2026), conforme as buscas realizadas nas bases em set. e out. de 2026.

[1] Do total de registros do Google Acadêmico, foram efetivamente triados 120, correspondentes às duas primeiras páginas de cada uma das seis buscas.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos estudos



Fonte: Elaborada pela autora (2026), com base no modelo PRISMA 2020 (Page *et al.*, 2021).

Os estudos incluídos foram publicados entre 2021 e 2026, com maior concentração em 2022 e 2025, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2. Estudos incluídos na revisão classificados quanto ao ano de publicação (n = 16)

Ano de publicação	N (%)	Estudos incluídos
2021	2 (12,5%)	Huxham, Marais e Van Niekerk (2021); Molina-López *et al.* (2021)
2022	4 (25,0%)	Ahumada *et al.* (2022); Bourne, Mandy e Bryant-Waugh (2022); Mendive Dubourdieu e Guerendiain (2022); Zulkifli *et al.* (2022)
2023	3 (18,8%)	Alibrandi *et al.* (2023); Byrska *et al.* (2023); Esposito *et al.* (2023)
2024	2 (12,5%)	Soares *et al.* (2024); Uchoa *et al.* (2024)
2025	4 (25,0%)	Alhrbi *et al.* (2025); Corrêa *et al.* (2025); Mirizzi *et al.* (2025); Mora *et al.* (2025)
2026	1 (6,2%)	Silva *et al.* (2026)
Total	**16 (100%)**	

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

3.2. Caracterização dos Estudos Incluídos

Os estudos originais incluídos foram realizados em diferentes contextos e investigaram a seletividade alimentar por meio de questionários aplicados aos responsáveis, avaliações do comportamento durante as refeições, análises do perfil sensorial e indicadores de consumo e estado nutricional.

Quadro 3. Características e principais resultados dos estudos originais incluídos

Autores e ano	Aspecto investigado	Principais resultados
Huxham, Marais e Van Niekerk (2021)	Preferências alimentares e características visuais	Cor, aparência e apresentação foram relatadas entre os fatores associados à aceitação alimentar
Molina-López *et al.* (2021)	Seletividade alimentar e adequação nutricional	Maior frequência de seletividade alimentar no grupo com TEA, acompanhada de diferenças no consumo de nutrientes
Ahumada *et al.* (2022)	Preferências sensoriais, consumo alimentar e estado nutricional	Preferência pela cor branca em 13,89% dos participantes, excesso de peso em 63,24% das crianças com IMC informado (43/68) e inadequações no consumo de determinados grupos alimentares
Mendive Dubourdieu e Guerendiain (2022)	Consumo alimentar, perfil sensorial e antropometria	Diferenças no perfil sensorial e no consumo alimentar, sem diferenças antropométricas significativas entre os grupos
Alibrandi *et al.* (2023)	Seletividade e características sensoriais	Associação entre dificuldades alimentares e particularidades sensoriais
Byrska *et al.* (2023)	Padrões de seletividade alimentar	Maior número de características relacionadas à seletividade no grupo com TEA, incluindo aspectos sensoriais e visuais
Soares *et al.* (2024)	Comportamento alimentar e estado nutricional	Seletividade alimentar em 57,8% das crianças avaliadas, com associação ao excesso de peso
Uchoa *et al.* (2024)	Percepção materna sobre seletividade alimentar	Mães relataram recusa de alimentos novos, especialmente frutas e verduras, além de engasgos, vômitos e choro durante as refeições

Corrêa *et al.* (2025)	Perfil clínico e nutricional	Seletividade alimentar em 77,2% dos participantes, baixo consumo frequente de frutas, verduras e folhosos e associação entre seletividade e sintomas gastrointestinais
Mirizzi *et al.* (2025)	Seletividade, processamento sensorial e sintomas gastrointestinais	Relação entre dificuldades alimentares e características sensoriais
Mora *et al.* (2025)	Cor, textura e perfil sensorial	Seletividade relacionada à cor em 53,1% das crianças com TEA e em 12% das crianças com desenvolvimento típico
Silva *et al.* (2026)	Seletividade e ingestão de micronutrientes	Seletividade alimentar em 77% dos participantes; inadequação frequente de cobre, potássio, cálcio e retinol e excesso de sódio em ambos os grupos, com diferença significativa apenas para vitamina C e fósforo

Fonte: Elaborado pela autora (2026), a partir das publicações incluídas.

3.3. Preferência por Cores dos Alimentos e Seletividade Alimentar

Mora *et al.* (2025), em pesquisa com 57 crianças, sendo 32 com TEA e 25 com desenvolvimento típico, observaram seletividade relacionada à cor em 53,1% das crianças com TEA, em comparação com 12% das crianças com desenvolvimento típico, com diferença estatisticamente significativa ($p = 0,0018$). No mesmo estudo, a textura foi identificada como fator relacionado à seletividade em 78,1% das crianças com TEA.

Ahumada *et al.* (2022), em estudo transversal realizado com 72 crianças com TEA, com idades entre 2 e 12 anos, na região de La Araucanía, no Chile, investigaram padrões alimentares e preferências sensoriais. Entre as opções de cores avaliadas, a branca foi a preferência mais frequentemente relatada, correspondendo a 13,89% dos participantes. Os autores também identificaram a participação de características como textura, sabor e odor nas preferências alimentares.

Byrska *et al.* (2023), em estudo com 207 participantes, sendo 115 crianças e adolescentes com TEA e 92 com desenvolvimento típico, observaram maior número de características relacionadas à seletividade alimentar no grupo com TEA. A investigação contemplou aspectos como cor, textura, consistência e apresentação dos alimentos. Entretanto, os resultados referentes às cores específicas não demonstraram diferenças significativas consistentes entre os grupos.

Huxham, Marais e Van Niekerk (2021) também identificaram particularidades relacionadas às características visuais dos alimentos, incluindo preferências por determinadas cores e formas de apresentação. Os relatos evidenciaram que aspectos relacionados à aparência participavam dos padrões individuais de aceitação alimentar.

Em conjunto, os estudos identificaram a influência das características visuais na alimentação de crianças com TEA. Entretanto, os resultados não estabeleceram um padrão universal de preferência por determinadas tonalidades, demonstrando a existência de variações individuais.

3.4. Processamento Sensorial e Variedade Alimentar

Alibrandi *et al.* (2023), em pesquisa realizada na Itália com 111 participantes, investigaram características relacionadas à seletividade alimentar e identificaram diferenças entre os grupos quanto aos comportamentos alimentares e às particularidades sensoriais.

Mendive Dubourdieu e Guerendiain (2022), em estudo com 65 crianças, observaram diferenças no perfil sensorial e no consumo alimentar. As alterações identificadas envolveram características relacionadas à aceitação dos alimentos e à composição da dieta.

Mirizzi *et al.* (2025), em estudo com 408 participantes, analisaram a relação entre seletividade alimentar, processamento sensorial, práticas parentais e sintomas gastrointestinais. Os resultados apontaram associações entre características sensoriais e dificuldades alimentares, demonstrando a participação de diferentes fatores na aceitação dos alimentos.

Molina-López *et al.* (2021) também identificaram maior frequência de seletividade alimentar entre crianças e adolescentes com TEA, acompanhada de diferenças na variedade da dieta e na ingestão de determinados nutrientes.

Uchoa *et al.* (2024), em estudo qualitativo com sete mães de crianças com TEA e seletividade alimentar, identificaram relatos de resistência à introdução de novos alimentos, especialmente frutas e verduras, acompanhada de engasgos, vômitos e choro durante as refeições, além de impactos sobre a rotina familiar.

Os resultados demonstraram que a seletividade alimentar pode envolver simultaneamente diferentes características sensoriais. Embora os estudos tenham utilizado instrumentos e critérios distintos, foram identificadas associações entre processamento sensorial, dificuldades alimentares e variedade da dieta.

3.5. Seletividade Alimentar e Estado Nutricional

Soares *et al.* (2024), em estudo com 90 crianças brasileiras com TEA, identificaram seletividade alimentar em 57,8% dos participantes e excesso de peso em 41,1%. A seletividade alimentar apresentou associação com o excesso de peso, com razão de prevalência de 1,94.

Corrêa *et al.* (2025), em levantamento nacional com 613 crianças e adolescentes brasileiros com TEA, identificaram seletividade alimentar em 77,2% dos participantes, conforme relato dos responsáveis. Observou-se baixo consumo frequente de frutas (50,6%), verduras e legumes (68,1%) e folhosos (83,6%), além de associação entre seletividade alimentar e sintomas gastrointestinais.

Ahumada *et al.* (2022) identificaram excesso de peso em 43 das 68 crianças com Índice de Massa Corporal (IMC) informado (63,24%), sendo 12 com sobrepeso, 21 com obesidade e 10 com obesidade grave. Em relação ao consumo alimentar, 93,06% não atingiam as recomendações de frutas, 62,50% não atingiam as recomendações de hortaliças e 90,28% apresentavam consumo de peixes inferior ao recomendado. Também foi identificada inadequação no consumo de água em 80,56% dos participantes.

Molina-López *et al.* (2021) identificaram maior frequência de seletividade alimentar no grupo com TEA, além de diferenças na adequação da ingestão alimentar. Os resultados relacionaram os

comportamentos seletivos a alterações no consumo de determinados alimentos e nutrientes.

Em contrapartida, Mendive Dubourdieu e Guerendiain (2022) observaram diferenças no consumo alimentar e no perfil sensorial, mas não identificaram diferenças antropométricas significativas entre os grupos avaliados.

Silva *et al.* (2026), em estudo transversal com 303 crianças e adolescentes brasileiros com TEA, identificaram seletividade alimentar em 77% dos participantes. Tanto os indivíduos com seletividade quanto aqueles sem seletividade apresentaram elevada frequência de inadequação na ingestão de cobre, potássio, cálcio e retinol, além de consumo excessivo de sódio. Diferenças significativas entre os grupos foram observadas apenas para vitamina C e fósforo, levando os autores a concluir que a seletividade alimentar não diferenciou substancialmente a adequação de micronutrientes na amostra avaliada.

Os resultados demonstraram que a seletividade alimentar pode coexistir com diferentes condições nutricionais, incluindo excesso de peso e alterações na ingestão de nutrientes. Entretanto, os estudos que avaliaram esses desfechos não estabeleceram uma relação direta entre a preferência por cores específicas e alterações antropométricas ou deficiências nutricionais.

3.6. Resultados das Revisões de Literatura

Zulkifli *et al.* (2022), em revisão de escopo que reuniu 30 estudos, analisaram a relação entre seletividade alimentar, sensibilidade sensorial oral e ingestão de nutrientes em crianças com TEA. Os

resultados apontaram associações entre dificuldades sensoriais, restrição alimentar e alterações no consumo alimentar.

Bourne, Mandy e Bryant-Waugh (2022), em revisão de escopo, examinaram a seletividade alimentar intensa e o transtorno alimentar restritivo/evitativo em crianças e jovens com autismo, destacando a diversidade das manifestações de restrição alimentar.

Esposito *et al.* (2023) reuniram evidências relacionadas à avaliação e às intervenções clínicas para a seletividade alimentar em crianças com TEA, abordando fatores sensoriais, comportamentais e familiares associados às dificuldades alimentares.

Alhrbi *et al.* (2025), em revisão sistemática e metanálise, investigaram o estado nutricional de crianças com TEA. Os resultados identificaram diferenças em determinados indicadores de ingestão nutricional, embora as alterações antropométricas não tenham apresentado um padrão uniforme entre os estudos.

3.7. Síntese dos Principais Resultados

A análise das publicações incluídas demonstrou maior frequência de comportamentos alimentares seletivos em crianças com TEA, com participação de diferentes características sensoriais, incluindo textura, odor, sabor, consistência, aparência e cor.

Quanto às repercussões nutricionais, os resultados evidenciaram diferenças na variedade alimentar, no consumo de determinados grupos de alimentos e na adequação de nutrientes. Os achados antropométricos foram heterogêneos, com estudos identificando associação entre seletividade e excesso de peso e outros sem diferenças significativas entre os grupos.

Não foram identificadas evidências suficientes para estabelecer uma relação causal direta entre a preferência por cores dos alimentos e alterações no estado nutricional. Os resultados disponíveis permitem caracterizar a cor como um dos fatores relacionados ao comportamento alimentar, enquanto as possíveis repercussões nutricionais foram investigadas predominantemente em associação à seletividade alimentar de maneira mais ampla.

4. DISCUSSÃO

A discussão foi organizada de acordo com os objetivos específicos propostos. Inicialmente, analisa-se a relação entre as alterações sensoriais, a percepção visual e a aceitação dos alimentos. Em seguida, discutem-se os padrões de consumo associados à preferência por cores e suas possíveis implicações no estado nutricional. Por fim, são apresentadas implicações para a prática nutricional e as limitações das evidências e do presente estudo.

4.1. Preferência por Cores dos Alimentos, Previsibilidade Visual e Seletividade Alimentar

Os resultados desta revisão evidenciam que a cor dos alimentos pode representar um fator importante na aceitação alimentar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Embora a seletividade alimentar seja influenciada por diferentes características sensoriais, como textura, odor, sabor e temperatura, a aparência visual também pode participar da escolha ou recusa dos alimentos. Nesse contexto, a preferência por determinadas cores ou tonalidades merece atenção, especialmente quando contribui para a manutenção de um repertório alimentar restrito.

A diferença observada por Mora *et al.* (2025) entre crianças com TEA e com desenvolvimento típico demonstra que as características visuais podem exercer influência relevante sobre o comportamento alimentar de parte dessa população. Entretanto, a frequência e a intensidade dessa influência variam entre os indivíduos, não sendo possível estabelecer um padrão de preferência por cores aplicável a todas as crianças com TEA.

A preferência pela cor branca relatada por Ahumada *et al.* (2022), embora restrita a uma parcela minoritária dos participantes, demonstra que determinadas tonalidades podem fazer parte das preferências alimentares individuais. Huxham, Marais e Van Niekerk (2021) também descreveram particularidades relacionadas à aparência e à apresentação dos alimentos, reforçando a participação das características visuais na seletividade alimentar.

Um aspecto importante para compreender esse comportamento é a busca por familiaridade, manutenção de padrões e previsibilidade. Algumas crianças com TEA podem apresentar maior necessidade de constância nas características dos alimentos, incluindo cor, formato, textura, marca e maneira de apresentação. Segundo Esposito *et al.* (2023), a seletividade alimentar pode estar associada a comportamentos de rigidez e insistência na manutenção de determinadas características durante as refeições. Mirizzi *et al.* (2025) também discutem a relação entre seletividade alimentar, processamento sensorial e preferência por rotinas previsíveis.

Nesse sentido, a preferência por alimentos de cores semelhantes pode estar relacionada não apenas à percepção visual, mas também à familiaridade construída a partir de experiências alimentares anteriores. Um alimento que mantém características conhecidas

pode ser mais facilmente reconhecido e aceito, enquanto alterações em sua aparência podem gerar estranhamento, insegurança ou resistência. Essa interpretação é compatível com a literatura sobre previsibilidade e rigidez comportamental no TEA, embora ainda sejam necessários estudos que investiguem diretamente a relação entre previsibilidade visual e preferência por cores específicas.

Mudanças no cardápio, na apresentação ou no preparo de alimentos habitualmente aceitos também podem provocar desconforto e frustração em algumas crianças. Por exemplo, um alimento anteriormente aceito pode passar a ser recusado quando apresenta uma coloração diferente, mesmo que sua composição seja semelhante. Da mesma forma, a substituição inesperada de uma preparação conhecida por outra visualmente distinta pode dificultar a aceitação durante a refeição. Essas reações não devem ser interpretadas automaticamente como oposição ou falta de interesse em se alimentar, pois podem envolver dificuldades sensoriais e comportamentais relacionadas à mudança de padrões familiares.

Dessa forma, a preferência por cores deve ser compreendida como um possível componente da seletividade alimentar, relacionado tanto às características sensoriais dos alimentos quanto à necessidade individual de familiaridade e previsibilidade. Sua relevância clínica aumenta quando a manutenção dessas preferências limita a aceitação de novos alimentos e dificulta a diversificação da dieta.

4.2. Preferência por Cores, Variedade Alimentar e Implicações no Estado Nutricional

A relação entre preferência por cores e estado nutricional deve ser analisada considerando os efeitos que a restrição alimentar pode exercer sobre a variedade e a composição da dieta. Quando uma criança aceita predominantemente alimentos de determinada cor ou tonalidade, seu repertório alimentar pode ficar limitado a um conjunto reduzido de preparações. Dependendo dos alimentos incluídos nesse conjunto, essa restrição pode comprometer a ingestão adequada de determinados nutrientes.

É importante destacar que a cor, isoladamente, não determina o valor nutricional de um alimento. Alimentos com colorações semelhantes podem apresentar composições diferentes, enquanto um mesmo nutriente pode ser encontrado em alimentos de diversas cores. Entretanto, quando a preferência visual se transforma em um critério rígido de aceitação, pode ocorrer a exclusão de alimentos nutricionalmente importantes, reduzindo a diversidade da alimentação.

Por exemplo, uma criança que aceite predominantemente determinadas massas, pães, batatas e produtos industrializados de coloração clara ou amarelada poderá apresentar uma dieta com variedade limitada, caso não consuma quantidades adequadas de frutas, hortaliças, leguminosas e fontes proteicas. Nesse caso, o risco nutricional não decorre da cor amarela ou clara em si, mas da composição e da baixa diversidade dos alimentos efetivamente consumidos.

Portanto, a preferência por cores pode influenciar indiretamente o estado nutricional quando contribui para a exclusão persistente de alimentos e grupos alimentares. Essa relação pode ser compreendida como uma sequência na qual a preferência visual

intensa favorece a restrição do repertório alimentar, que, por sua vez, pode comprometer a adequação da ingestão de nutrientes e produzir repercussões nutricionais ao longo do tempo.

Os resultados de Ahumada *et al.* (2022) contribuem para essa discussão. Além de identificarem preferências relacionadas às cores dos alimentos, os autores observaram excesso de peso em 43 das 68 crianças com IMC informado (63,24%) e inadequações no consumo de determinados grupos alimentares, incluindo frutas, hortaliças e peixes. Entretanto, como o estudo não analisou diretamente a associação entre a preferência por uma cor específica e essas inadequações, não é possível atribuir os resultados nutricionais à preferência pela cor branca.

Soares *et al.* (2024), em estudo realizado com crianças brasileiras com TEA, identificaram associação entre seletividade alimentar e excesso de peso. Esse achado demonstra que a restrição alimentar não está necessariamente relacionada ao baixo peso, podendo coexistir com consumo energético elevado e qualidade nutricional inadequada. Dessa maneira, uma criança pode apresentar excesso de peso e, simultaneamente, consumir uma alimentação pouco variada, com possíveis inadequações de micronutrientes.

Molina-López *et al.* (2021) também identificaram diferenças na ingestão alimentar e na adequação de nutrientes entre crianças com TEA e crianças com desenvolvimento típico, reforçando a importância de investigar a composição da dieta. Por outro lado, Mendive Dubourdieu e Guerendiain (2022) não observaram diferenças antropométricas significativas entre os grupos avaliados, apesar das alterações relacionadas ao consumo e ao perfil sensorial.

Assim, embora os estudos disponíveis ainda não comprovem uma relação causal direta entre preferência por cores específicas e alterações nutricionais, existe uma justificativa nutricional consistente para considerar essa preferência um possível fator de risco quando resulta em restrição significativa da variedade alimentar. Essa distinção é fundamental, pois reconhece a importância da cor no comportamento alimentar sem atribuir a ela efeitos que dependem de outros componentes da dieta.

4.3. Implicações para a Prática Nutricional

Os achados desta revisão destacam a importância de considerar as preferências visuais durante a avaliação nutricional de crianças com TEA. A investigação da seletividade alimentar deve ultrapassar a identificação dos alimentos aceitos ou recusados, buscando compreender quais características influenciam essas escolhas e como elas interferem na composição da dieta.

Nesse contexto, o nutricionista deve investigar a existência de preferências por cores, tonalidades, texturas, formatos, marcas e apresentações específicas. Também é importante identificar se mudanças no cardápio ou no modo de preparo provocam resistência, desconforto ou frustração, além de compreender como a criança reage à introdução de alimentos desconhecidos.

A avaliação deve incluir a análise do consumo habitual, da variedade alimentar, da ingestão de macro e micronutrientes, dos indicadores antropométricos e de possíveis sinais clínicos de inadequação nutricional. Essa abordagem permite reconhecer situações em que a preferência por determinadas características visuais limita a

diversidade da alimentação e pode comprometer a adequação nutricional.

A previsibilidade também deve ser considerada no planejamento das intervenções. Mudanças abruptas na aparência ou na apresentação de alimentos conhecidos podem dificultar a aceitação, especialmente entre crianças que demonstram maior necessidade de manutenção das rotinas. Por esse motivo, estratégias graduais e individualizadas podem ser mais adequadas do que a substituição repentina dos alimentos habitualmente consumidos.

Uma possibilidade de intervenção consiste em utilizar alimentos já aceitos como ponto de partida para ampliar progressivamente o repertório alimentar. Podem ser exploradas pequenas modificações na apresentação, na preparação ou nas características dos alimentos, respeitando a tolerância individual da criança. Quando a cor representa um critério importante de aceitação, a introdução de novos alimentos pode considerar inicialmente características visuais familiares, sem limitar permanentemente a alimentação a uma única tonalidade.

Entretanto, essas estratégias não devem ser aplicadas de maneira padronizada, pois a seletividade alimentar pode apresentar diferentes origens e manifestações. Esposito *et al.* (2023) destacam a importância da avaliação das características sensoriais e comportamentais para a escolha das intervenções. Além disso, a participação da família e da equipe multiprofissional é fundamental para estabelecer condutas compatíveis com as necessidades e possibilidades de cada criança.

4.4. Limitações e Perspectivas para Pesquisas Futuras

Apesar da relevância dos resultados encontrados, a literatura apresenta limitações importantes para a compreensão da relação entre preferência por cores dos alimentos e estado nutricional de crianças com TEA.

Uma das principais limitações é que grande parte dos estudos investiga a seletividade alimentar de maneira abrangente, considerando simultaneamente textura, sabor, odor, aparência e outros fatores sensoriais. Dessa forma, a influência específica da cor nem sempre é analisada separadamente, dificultando a identificação de seus efeitos sobre o consumo alimentar e os indicadores nutricionais.

Além disso, os estudos apresentam diferenças quanto ao tamanho das amostras, às faixas etárias, aos instrumentos de avaliação e aos critérios utilizados para caracterizar a seletividade alimentar. Essas diferenças dificultam a comparação direta dos resultados e a identificação de padrões consistentes. Alguns estudos basearam-se exclusivamente no relato dos responsáveis, inclusive quanto ao diagnóstico de TEA, o que pode comprometer a precisão das informações.

Outra limitação está relacionada ao predomínio de pesquisas observacionais, que permitem identificar associações, mas não estabelecer relações de causa e efeito. Embora seja plausível que a preferência intensa por determinadas cores contribua para a restrição alimentar e, consequentemente, para inadequações nutricionais, ainda são necessários estudos que investiguem diretamente essa sequência.

Também são limitadas as pesquisas que avaliam como a familiaridade, a previsibilidade visual e as mudanças na apresentação dos alimentos influenciam a aceitação alimentar. Investigações sobre essas características poderiam contribuir para compreender por que determinadas crianças mantêm preferências alimentares rígidas e apresentam desconforto diante de alterações no cardápio.

O presente estudo também apresenta limitações. A busca restringiu-se a três fontes (PubMed, SciELO e Google Acadêmico) e a publicações em português e inglês, o que pode ter excluído estudos relevantes. Além disso, por se tratar de uma revisão de literatura, não foi realizada avaliação formal da qualidade metodológica dos estudos incluídos, e o número reduzido de publicações que investigaram diretamente a preferência por cores limitou a profundidade das comparações.

Diante disso, recomenda-se a realização de estudos que avaliem especificamente a preferência por cores, a diversidade alimentar, a ingestão de nutrientes e os indicadores do estado nutricional. Pesquisas longitudinais e estudos de intervenção também poderão contribuir para esclarecer as possíveis repercussões nutricionais das preferências visuais e identificar estratégias eficazes para a ampliação do repertório alimentar.

5. CONCLUSÃO

A presente revisão de literatura evidenciou que a preferência por determinadas cores dos alimentos pode influenciar o comportamento alimentar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente quando as características visuais

representam critérios importantes para a aceitação alimentar. A familiaridade e a previsibilidade também podem contribuir para a manutenção dessas preferências, uma vez que alterações na aparência dos alimentos ou na rotina das refeições podem provocar desconforto, frustração e resistência à introdução de novas preparações.

Quando essa preferência resulta em um repertório alimentar restrito, pode comprometer a diversidade da dieta e favorecer inadequações na ingestão de nutrientes, com possíveis repercussões no estado nutricional. Entretanto, as evidências disponíveis ainda não permitem determinar a influência isolada da cor sobre esses desfechos, considerando a participação de outros fatores sensoriais e comportamentais. Dessa forma, a hipótese inicial foi parcialmente confirmada: a literatura sustenta a participação da cor na restrição do repertório alimentar, mas não permite afirmar que essa preferência, isoladamente, determine alterações no estado nutricional.

Diante disso, destaca-se a importância da avaliação nutricional individualizada e de estratégias que promovam a ampliação gradual da variedade alimentar, respeitando as particularidades de cada criança. Ressalta-se, ainda, a necessidade de pesquisas que investiguem especificamente a relação entre preferências visuais, consumo alimentar e estado nutricional, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções nutricionais mais direcionadas às crianças com TEA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHUMADA, D. *et al.* Eating patterns in children with autism spectrum disorder. **Healthcare,** v. 10, n. 10, art. 1829, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3390/healthcare10101829. Acesso em: 20 out. 2026.

ALHRBI, A. *et al.* Nutritional status of children diagnosed with autism spectrum disorder: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Human Nutrition and Dietetics,** v. 38, n. 4, art. e70099, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1111/jhn.70099. Acesso em: 18 out. 2026.

ALIBRANDI, A. *et al.* Food selectivity in children with autism spectrum disorder: a statistical analysis in Southern Italy. **Children,** v. 10, n. 9, art. 1553, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3390/children10091553. Acesso em: 20 out. 2026.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BOURNE, L.; MANDY, W.; BRYANT-WAUGH, R. Avoidant/restrictive food intake disorder and severe food selectivity in children and young people with autism: a scoping review. **Developmental Medicine & Child Neurology,** v. 64, n. 6, p. 691–700, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1111/dmcn.15139. Acesso em: 18 out. 2026.

BYRSKA, A. *et al.* Patterns of food selectivity among children with autism spectrum disorder. **Journal of Clinical Medicine,** v. 12, n. 17, art. 5469, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3390/jcm12175469. Acesso em: 20 out. 2026.

CORRÊA, G. G. S. *et al.* Clinical and nutritional profile of children and adolescents with autism spectrum disorder in Brazil: a nationwide online survey. **Jornal de Pediatria,** v. 101, n. 4, p. 529–535, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jped.2024.12.008. Acesso em: 6 out. 2026.

ESPOSITO, M. *et al.* Food selectivity in children with autism: guidelines for assessment and clinical interventions. **International Journal of Environmental Research and Public Health,** v. 20, n. 6, art. 5092, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph20065092. Acesso em: 20 out. 2026.

HUXHAM, L.; MARAIS, M.; VAN NIEKERK, E. Idiosyncratic food preferences of children with autism spectrum disorder in England. **South African Journal of Clinical Nutrition,** v. 34, n. 3, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1080/16070658.2019.1697039. Acesso em: 6 out. 2026.

MENDIVE DUBOURDIEU, P.; GUERENDIAIN, M. Dietary intake, nutritional status and sensory profile in children with autism spectrum disorder and typical development. **Nutrients,** v. 14, n. 10, art. 2155, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3390/nu14102155. Acesso em: 20 out. 2026.

MINAYO, M. C. S. Ética das pesquisas qualitativas segundo suas características. **Revista Pesquisa Qualitativa,** v. 9, n. 22, p. 521–539, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.506. Acesso em: 17 set. 2026.

MIRIZZI, P. *et al.* Food selectivity in children with autism spectrum disorder and in typically developing peers: sensory processing, parental practices, and gastrointestinal symptoms. **Nutrients,** v. 17, n.

17, art. 2798, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.3390/nu17172798. Acesso em: 20 out. 2026.

MOLINA-LÓPEZ, J. *et al.* Food selectivity, nutritional inadequacies, and mealtime behavioral problems in children with autism spectrum disorder compared to neurotypical children. **International Journal of Eating Disorders,** v. 54, n. 12, p. 2155–2166, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1002/eat.23631. Acesso em: 15 out. 2026.

MORA, F. *et al.* Food pattern, food selectivity and sensory profile in autism spectrum disorder: an exploratory analysis in Chilean children. **Children,** v. 12, n. 11, art. 1560, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.3390/children12111560. Acesso em: 17 set. 2026.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ,** v. 372, art. n71, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1136/bmj.n71. Acesso em: 23 out. 2026.

SILVA, E. *et al.* Usual micronutrient intake and food selectivity among Brazilian children and adolescents with autism spectrum disorder: a cross-sectional study. **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics,** art. 156876, 9 set. 2026. Publicação online antecipada. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jand.2026.156876. Acesso em: 20 out. 2026.

SOARES, R. C. S. *et al.* Problematic behaviors at mealtimes and the nutritional status of Brazilian children with autism spectrum disorder. **Frontiers in Public Health,** v. 12, art. 1392478, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1392478. Acesso em: 5 out. 2026.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP,** v. 20, n. 43, p. 64–83, 2021. Disponível em: https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/download/2336/1441. Acesso em: 19 out. 2026.

UCHOA, B. K. P. *et al.* "Esse menino não come": narrativas de mães sobre seletividade alimentar e autismo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional,** v. 32, e3848, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO396738481. Acesso em: 15 out. 2026.

ZULKIFLI, M. N. *et al.* Interrelation of food selectivity, oral sensory sensitivity, and nutrient intake in children with autism spectrum disorder: a scoping review. **Research in Autism Spectrum Disorders,** v. 93, art. 101928, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.rasd.2022.101928. Acesso em: 14 set. 2026.

---

[1] Discente do Curso de Nutrição da Afya Centro Universitário de São João del-Rei. Endereço: Av. Dr. José Caetano de Carvalho, 2199, Jardim Central, São João del-Rei, MG, CEP 36307-251, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Mestre em Nutrição e Saúde pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Docente do Curso de Nutrição da Afya Centro Universitário de São João del-Rei. Endereço: Av. Dr. José Caetano de Carvalho, 2199, Jardim Central, São João del-Rei, MG, CEP 36307-251, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[3] Doutor em Ciência dos Alimentos pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Docente do Curso de Nutrição da Afya Centro

Universitário de São João del-Rei. Orientador. Endereço: Av. Dr. José Caetano de Carvalho, 2199, Jardim Central, São João del-Rei, MG, CEP 36307-251, Brasil. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail